



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ODISSEIA LITERÁRIA: UMA ALTERNATIVA PARA O CAMINHO DA LEITURA

Andréa Moraes Costa;

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – E-mail: arque1984@gmail.com

Jorrana Ferreira de Melo

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB - E-mail: jorrana.mello@hotmail.com

RESUMO: Literatura, leitura e professores fazem parte no cenário escolar do Ensino Médio. As questões da leitura, embora não sejam monopólio da escola, fazem parte da prática pedagógica escolar. No entanto, a prática de leitura literária, atrelada a uma política de educação cada vez mais técnica e de adequação ao mercado, não apresenta aquele sentido fundamental de humanismo alargado em que a vida social representada articula-se de forma viva à realidade do aluno/leitor. Com o interesse de apresentar um modelo alternativo às abordagens de leitura literária nas escolas do Ensino Médio, o grupo de extensão da UEPB, intitulado Odisseia Literária, da cidade de Catolé do Rocha, atua, a partir de uma combinação criativa de texto e jogos dramáticos, nas escolas e nas praças públicas da cidade. Justamente, o presente artigo, partindo de uma reflexão crítica sobre a prática de ensino da literatura nas escolas, traz um relato de experiência sobre a intervenção do grupo de teatro, cujo objetivo proeminente é fazer valer novas práticas sobre o texto, bem como despertar o interesse para a leitura da obra (poesia ou prosa) apresentada. Ou seja, o esforço é sempre no sentido de superar o “sem número” de informações e dados históricos transpostos na sala de aula que apagam a vibração do texto.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Ensino; Jogo dramático; Formação de leitores.

INTRODUÇÃO

O presente artigo realiza um relato de experiência em torno do projeto intitulado “Odisseia Literária: por um texto dramatizado nas Escolas e nas praças públicas da cidade de Catolé do Rocha –PB”, em vigor desde o ano 2012 e regulamentado como projeto de pesquisa e extensão pela UEPB (Universidade Estadual da Paraíba). O projeto, já em fase consolidada, objetiva, como forma de fomentar o interesse pela leitura, levar para a sala de aula das escolas públicas da cidade e, oportunamente, para as praças, um trabalho de jogos dramáticos sobre textos literários e produções poéticas em geral.



O projeto conta com um grupo de teatro formado por alunos (as) do curso de Letras da UEPB – Campus IV, chamado “Odisseia literária”. Os integrantes, em torno de 12 (doze) alunos (as), dividem-se entre o trabalho reflexivo sobre o ensino da literatura e de práticas de leitura no Ensino Básico, o apoio logístico (visitas às escolas, divulgação do projeto e busca de patrocínio e outros apoios), passando pelas intervenções breves em sala de aula, até a montagem de espetáculos teatrais maiores. Os integrantes, a cada 15 (quinze) dias, se reúnem para a leitura de textos, realização de ensaios ou atribuições logísticas.

O projeto nasce, inicialmente, sob uma base reflexiva teórica que vai desde a ponderação e discussão sob as práticas docentes do ensino da literatura, passando pela crise da leitura, o desestímulo dos alunos (as), até a busca de alternativas para qualificar a abordagem da leitura e dos textos literários em sala de aula. No que diz respeito ao aporte teórico, o presente trabalho faz uso de autores como CANDIDO (1989), AZEVEDO (2004), FREIRE (1993), entre outros.

Na esteira destas ponderações, relativas à área de ensino da literatura e das práticas de leitura, acha-se a crise da leitura no Brasil e a abordagem mecânica, de fundo obrigatório, dos textos literários na escola. Desde a pouca atenção dada à literatura nos *Parâmetros Nacionais Curriculares* (1998) - com o registro um pouco mais acima de uma página - passando por uma metodologia equivocada e utilitarista da arte literária, até o desencontro entre governo, escola, professor e comunidade, o ensino da literatura e as atividades de leitura no ensino básico apresentam-se distante dos eixos norteadores do PNLL (Plano Nacional do Livro e Leitura - 2006) fundados, vale dizer, no acesso democrático ao livro, na fomentação da leitura e na formação de mediadores, na valorização institucional da leitura e o incremento de seu valor simbólico e, por fim, no desenvolvimento econômico do livro.

O problema do baixo índice de leitores no Brasil, e tantos outros relativos às relações de trabalho no âmbito da educação, não podem hoje ser compreendidos sem o entendimento da precarização da educação quando o governo, a partir da metade do século XX, adere cada vez mais, num contexto mundial marcado pela livre operação do capital financeiro, à uma política educacional neoliberal. No cenário da década de 90 com a verticalização das políticas neoliberais assiste-se ao surgimento de debates e reformas educacionais, cuja culminância traz



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

à baila uma série de projetos e programas, a exemplo de Educação para Todos, Plano Decenal, Parâmetros Nacionais Curriculares para Educação infantil, básica e superior de Jovens e Adultos, ENEM, FUNDEF e outros, com o claro intuito de vincular a educação ao capital para superar as crises. Adotando um misto de parceria entre o público e o privado, o Estado, pouco a pouco, começa a se eximir de sua responsabilidade. A educação, convertendo-se em um campo de negociação, passa a operacionalizar um novo campo semântico. Assim é que fomentação de capacidade crítica passa a ser entendida como desenvolvimento de habilidade, desempenho ou competência, e o cidadão é visto muito mais como um cliente produtivista, uma vez que se legitima o entendimento da melhoria/qualidade como adequação ao mercado. Em poucas palavras, o aluno vem se transformando em um consumidor sob a lógica de uma educação que enfatiza currículos tecnicistas e pragmáticos, cuja formação humana está pautada na meritocracia e no individualismo.

Com efeito, as escolas, atravancadas pela mentalidade bancária e tecnicista, insistem, quando a leitura literária é sugerida, numa abordagem mecânica e monolítica arregimentada em perguntas e respostas orientadas. E, por isso, este modelo de escolarização da leitura, sem dar-se conta do fenômeno amplo e plural do ato de ler, não cria espaços para ele nem atividades que cotejem a sua plasticidade artística. Lamentavelmente, a literatura aparece condicionada a uma concepção historicista (dados, períodos, biografia, informação em geral) e ao calendário do vestibular ou do ENEM, ou seja, ela se apresenta, enquanto linguagem, totalmente destituída do sentido vibrante, participativo e criativo ao texto.

Se a leitura desempenha um papel central na formação intelectual fomentando, como instrui o PNLL, consciências críticas, promovendo cidadania e inclusão social, o nosso projeto entende a relevância de contribuir na direção destes desafios, principalmente, quando pensamos nas marcas de isolamento e vulnerabilidade que estigmatizam a cidade de Catolé do Rocha no Semiárido do sertão paraibano. O desafio da proposta presente é, sem dúvida, enorme, principalmente quando se trata de pensar sobre a rede pública de ensino desta região marcada pela insuficiência de infraestrutura, pelos baixos salários, a má formação dos professores, a inadequação das gestões e o baixo nível socioeconômico dos estudantes.



Não obstante, o projeto, tendo em vista a obtenção de resultados a curto, a médio e a longo prazo, atua na direção de sinalizar para um modelo alternativo de abordagem de textos. Este modelo, como já dito, pretende ressaltar o caráter intertextual da leitura a partir dos jogos dramáticos. Na leitura é preciso priorizar, através de uma metodologia adequada, diferentes sentidos do texto com o confronto de ideias e a participação ativa dos sujeitos-leitores.

Nesse sentido, entendemos como Langer (2005) que é necessário, ao contrário de seguir as respostas prontas da abordagem do texto, potencializar os vários sentidos da leitura através do debate, fazendo valer o uso da imaginação já que a palavra abre-se à incompletude exigindo, desta forma, a construção do leitor. Este rearranjo, no momento da leitura, é ativamente facilitado pela construção de representações que vão desde provocações, passando por questionamentos e discordâncias, até vocalizações e expressões do gesto. Neste ponto, está claro que a interação entre pessoa e obra é ativa suscitando, assim, um significado particular através de uma zona de interseção entre as duas. Trata-se, então, de um processo que enreda potencialmente o leitor em seus mundos pessoais.

O sujeito leitor interpela-se sobre o seu mundo e a dos outros para realizar conexões e elaborações além daquele ponto já estabelecido. Neste processo o leitor vai perseguindo os vários sentidos possíveis, atribuindo-lhes significados num processo dinâmico de modo que se estabeleça reciprocidade entre os mundos ficcionais e reais, ou seja, a ideia é construir um sentido em que a representação ilumina a vida, e a vida ilumina a representação.

O esforço do projeto no sentido de conjugar teoria (base reflexiva) e prática (implementação de modelos alternativos), possibilitando aos integrantes e multiplicadores desta visão uma abordagem mais dinâmica e formativa dos textos, bem como apresentando, concretamente, aos segmentos das escolas uma forma outra de tratar os textos, constitui, sob base verificáveis, um significativo instrumento de mudança na mentalidade local, ao mesmo tempo em que se contribui para a inclusão social e o exercício da cidadania.

2 REVISÃO CRÍTICA DO ENSINO DA LITERATURA: PROBLEMAS E PERSPECTIVAS



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Num mundo em que vivemos, marcado por revisões dos velhos paradigmas, é necessário sempre refletir e questionar o processo de ensino-aprendizagem dos textos literários, a fim de que possamos vislumbrar posturas ativas e criativas de forma a potencializar as leituras. Se hoje entendemos que a palavra abre-se a uma mobilidade que agrega sentidos e interações, devemos sublinhar, no entanto que nem sempre foi assim. Sobre ela dominou o sentido unívoco da não-contradição, da transparência e do óbvio.

Quando pensamos no ensino da literatura, terminamos por reconhecer que pesa sobre ele o velho legado da tradição iluminista-positivista que propõe a aplicabilidade de esquemas e fórmulas prontas, seguindo um modelo de acabamento afeito às ciências exatas. Com efeito, a análise de livros didáticos de literatura, propostos para o ensino médio e fundamental, demonstrou que esses manuais reduzem ao mínimo a inquietação criadora que conduz o aluno a questionar, suscitando, como nos sugere Ligia Chiappini, uma “concepção bancária do ensino e da aprendizagem” por meio de um “saber condensado, congelado a partir de uma perspectiva unitária” (1983, p. 105). Trata-se de uma abordagem que não incorpora a diversidade, a pluralidade subjacente ao fenômeno literário, que envolve a mais ativa intertextualidade e que deveria ser facilitada pelo professor.

Entendemos que, como manifestação artística, o fenômeno literário se concretiza na articulação entre motivações políticas, históricas, sociais e econômicas diversas. Sendo essa a sua essência, a literatura não pode, justamente, ser compreendida como objeto isolado, sem as interferências do leitor para a produção de seu sentido. O processo de construção do(s) sentido(s) de uma obra, envolvendo as contribuições das diversas disciplinas que perpassam o ato da leitura, concede ao pesquisador-aluno aquela potenciação do espírito que, numa relação aproximativa com as ideias de De Masi (2008), pode superar as duas grandes fomes: a de pão e a de beleza. Ou ainda, conforme as ideias de Antonio Candido (1989), segundo as quais a literatura concebida no sentido amplo corresponde a uma necessidade universal, cujo direito é fator indispensável de humanização.

Acreditamos que no âmbito da prática da leitura das obras literárias, dois aspectos devem ser cotejados. O primeiro é a leitura como deleite e encantamento, especificamente, o prazer da descoberta, da perplexidade através do diálogo fecundo entre leitor e texto. O



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

segundo momento repousa sobre a atitude científica, o que inclui uma maneira de observar, de interrogar, de estabelecer correspondências até o alcance de uma via interpretativa satisfatória. São dois aspectos que, sem dúvida, envolvendo autor e leitor, participam de novos rearranjos, justamente porque o texto é um signo aberto e cambiante que precisa da produção ativa dos sujeitos em interação.

Entretanto, como realça os estudos de Azevedo (2004), o ensino da leitura não escapa ao padrão pedagógico, onde se prioriza o mecanismo de decifração do sentido pronto do texto como uma combinação de palavras e significados únicos, cujo tom monofônico institui interpretações autorizadas e ditadas sem compromisso com a experiência ou realidade do alunado. Ou seja, não há o que construir, o que criticar, com o que dialogar; há somente o mecanismo estéril da decodificação. Trata-se, portanto, de uma prática monológica que alija a compreensão ativa do texto ou a sua natureza dialógica (BAKHTIN, 2002), no que diz respeito à formação do leitor, bem como na relação com outros textos e sistemas sógnicos (não exclusivamente verbal). Isso equivale a dizer que se nega a prática que supõe sujeitos em interação.

Esse tipo de abordagem em torno da leitura não leva em conta a perspectiva sócio-histórica que supõe as subjetividades no processo de construção do sentido do texto. Como percebemos, o dinamismo interativo das subjetividades, exige uma operação metodológica que provoque o estabelecimento de analogias por similaridade/divergência promovendo, dessa forma, conexões que vão dos meios produtivos utilizados (textos, pinturas, fotos, teatro, vídeos, objetos em geral) ao campo vivencial do aluno-leitor. Investindo em aproximações e licenças poéticas numa espécie de encantamento pelas sugestivas e potentes imagens de formulações, esse método possibilita uma abordagem reflexiva inteligível, ao mesmo tempo que sensível sobre o tema proposto em estudo.

Nessa perspectiva, considerando a fecundidade das diferenças dos discursos de saber, e ainda partindo do pressuposto de que códigos e linguagens coexistem em um mesmo espaço artístico, literário e cultural, é que propomos que a arte literária seja compreendida através da performance teatral, ou seja, dos jogos de improviso. Mesmo os textos não dramáticos são passíveis de dramatização. A apropriação da palavra pelo jogo dramático (jogo mímico,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

expressão corporal, linguística e rítmico-musical) exerce influências altamente positivas em seus aspectos cognitivos, afetivos e criativos, constituindo-se, assim, um veículo significativo de aprendizagem.

Em síntese, nos parece fundamental que a escola supere as visões equivocadas em torno do objeto literário, a partir de estratégias diversificadas que ultrapassem a superficialidade mecânica da leitura como mera decodificação e, desta forma, atinjam a leitura do não-óbvio, para além das demandas profissionalizantes do mercado, em direção a uma universalidade que se concretize como exercício estético, cultural, social e político. Nesse aspecto, o texto literário aliado à experiência teatral, através do jogo, são procedimentos que visam a elucidar a compreensão profunda e significativa da obra por meio dos processos de identificação e estranhamento, propiciando, portanto, a elaboração de experiências e acontecimentos sociais que podem ser exploradas a partir de atividades.

O jogo, através das formas dramáticas, como nos ensina Aristóteles, se apresenta como um fator de equilíbrio físico, emotivo e reflexivo para o crescimento integral do ser humano. As abordagens em nível didático que trabalhem com o lúdico e a performance sobre os textos literários são fecundas, pois é a brincadeira a fonte mais antiga da construção do conhecimento. Além do que, seguindo as pistas de Brecht (*apud* PERA RIZZO, 2001) as formas dramáticas, marcando os processos de identificação e estranhamento, suscita a elaboração de experiências e acontecimentos sociais capazes de gerar uma reflexão politicamente crítica entre as relações que vão do social ao individual.

Como já discutido anteriormente, a leitura ultrapassa o limite do processo de decodificação linguística. Como percebemos, o horizonte das abordagens literárias deve ancorar-se no sentido amplo do desenvolvimento da existência pessoal, social e intelectual do aluno. Ou seja, a leitura e sua abordagem devem promover os potenciais da existência deste aluno, seu riso e sua dor. É o que nos propõe Langer no início de sua obra:

[...] interiorizam suas várias leituras numa busca por significação pessoal, examinam os textos e a vida de acordo com uma variedade de ângulos, de uma perspectiva crítica, e tratam os comentários dos outros como tendo o



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

potencial de enriquecer (bem como desafiar) suas próprias compreensões. (2005, p. 16).

A autora desenvolve o seu pensamento de forma a requerer estratégias e metodologias que garantam ao leitor a especulação dos vários sentidos do texto, fazendo valer o uso da imaginação já que a palavra abre-se à incompletude exigindo, desta forma, a construção do leitor. Este rearranjo, que deverá ser facilitado na sala de aula, visa ao letramento que fomenta, segundo a autora, o “desenvolvimento da reflexão e do potencial para mudar a si mesmo e ao mundo ao seu redor.” (2005, p.11).

É bem verdade, todavia, o inalienável problema que se enfrenta na formação de leitores. Mas é bem possível que um dos modos de superação para a não leitura esteja nos jogos dramáticos. As expressões corporais e vocais sobre o texto podem oferecer uma base segura para o desenvolvimento cognitivo, social e pessoal deste aluno. Ou seja, nos parece fundamental ultrapassar o universo da materialidade linguística, fazendo valer a interação do aluno leitor com o texto, estimulando permanentemente seu imaginário. É neste contexto que podemos compreender o conceito da construção de representações tratado por Langer. A autora se refere a “representação”, como ativos potenciais que emergem no momento da leitura. Ou seja:

[...] são conjuntos dinâmicos de ideias, imagens, questionamentos, discordâncias, previsões, argumentações e intuições, relacionados, que preenchem a mente durante a leitura, a escrita, a fala, ou outra experiência em que esteja envolvida a aquisição, explicitação ou troca de pensamentos e conceitualizações (LANGER, 2005, p.23).

Todo este conjunto de elementos potenciais que ora se concretizam ora se modificam abri-se, irremediavelmente, a estados de mudança durante a leitura. Trata-se de um processo que enreda o leitor em seus mundos pessoais. O sujeito leitor interpela-se sobre o seu mundo e a dos outros para realizar conexões e elaborações além daquele ponto já estabelecido. Neste processo o leitor vai perseguindo os vários sentidos possíveis, atribuindo-lhes significados num processo dinâmico. Neste ponto, a autora ainda explica que “Aqui utilizamos nossas



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

representações para refletir sobre algo que conhecíamos, ou fazíamos, ou sentíamos já antes de ter lido o texto. Assim podemos ver a **reciprocidade** entre nossos **mundos ficcionais e reais**” (2005, p. 35, grifo nosso).

A ideia principal que ressaltamos aqui, a despeito das ressignificações metodológicas a serem assimiladas pelo professor, é que o percurso da leitura pode e deve ser somado ao processo de construção de representações. Os voluntários e os professores da escola devem, em conjunto, selecionar textos que podem ser igualmente interpretados pelos alunos, conforme um planejamento prévio. Nos fica claro que a leitura, facilitada pela abordagem, deve estimular o pensamento. Assim, ao contrário das respostas fornecidas, os jogos dramáticos, ampliando o sentido do texto, evidenciam, significativamente, a dinâmica da produção dos sentidos.

3 LEITURA E JOGOS DRAMÁTICOS: UM MODELO ALTERNATIVO PARA SALA DE AULA

Uma das convicções do projeto é a de que o fenômeno literário é plural e anela-se a um conjunto de outros aspectos artísticos e cognitivos. Desse modo, entende-se que o ato de ler ultrapassa a mera decodificação. Leitura, como nos ensina bem Freire (1993), não é um processo de decodificação de um amontoado de letras. A leitura, o autor ressalta, é leitura de mundo, ou seja, é experiência. E experiência é receptividade, interação, partilha e identificação.

Esta ideia de experiência é a base fundamental para leitura e para qualquer relação de ensino-aprendizagem. Na verdade, é ela que cimenta todas as ações de nosso projeto no âmbito de ensino. Daí que a reelaboração da obra, através da criação de breves roteiros, realiza-se tendo em vista a participação constante da série ator/aluno/obra, de forma que o educando se projete, se identifique e participe ativamente da reconstrução da obra.

Os eventos realizados, sem dúvida, têm contribuído para revitalizar o papel da literatura na escola. Ou seja, a nossa estratégia é mostrar que a literatura, quando realizada como expressão humana, em sua dupla face de riso e dor, traduz-se como experiência singular



e universal. A literatura, como nos ensina Candido em seu artigo “O direito à literatura”, constitui-se um bem indispensável à humanidade porque através dela se pode resolver o problema da injustiça e da desigualdade do mundo. Neste sentido, o grupo, trabalhando sob a rubrica da humanização e inclusão, se engaja na busca permanente de apresentar um modelo alternativo que ultrapasse o engessamento das obras. Em breve descrição arrolaremos algumas ações realizadas pelo grupo.

Em fevereiro de 2014, realizou-se uma intervenção na Escola Agrotécnica do Cajueiro, campus IV, Catolé do Rocha, intitulado: “Badalo poético”. O evento, sob a orientação dos professores, contou com vários alunos para a confecção do cenário planejado. A preparação e colocação do cenário com badalos e tecidos coloridos ao largo do campus IV surtiram um efeito estético de estranhamento bastante significativo. Em abril e junho de 2014, o grupo apresentou, nas Escolas Estadual de Ensino Médio Inovador Obdúlia Dantas e na Escola Agrotécnica do Cajueiro, “A Odisseia de Bacamarte”, inspirada no livro **O Alienista** de Machado de Assis. Esta intervenção contou com uma instalação de gaiolas de animais com escritos da obra **O Alienista** por dentro delas. Esses escritos se apresentavam em longos papéis brancos, sobre os quais se enlaçavam fitas vermelhas que se enrolavam também nas gaiolas.

Ainda Em 2014, na Escola Agrotecnica do Cajueiro, em virtude do falecimento do escritor Ariano Suassuna, os professores e gestores organizaram atividades e homenagens para o escritor paraibano. O grupo, então, resolveu montar um espetáculo engraçado que conta a chegada de Ariano Suassuna ao céu. O espetáculo, que, ao lado do aspecto cultural e lúdico, tem também fins didáticos, apresentava o pensamento e a obra do escritor de modo a suscitar no alunado (a) o permanente interesse por sua obra, além de oportunizar o sentimento de pertencimento cultural. Este espetáculo foi ainda apresentado para várias escolas no palco do Colégio Normal Francisca Mendes.

Para trabalhar leitura e jogos teatrais no Ensino Médio tomamos, como eixo temático, no ano de 2015, textos que tratassem da questão da identidade/diversidade. Apresentar textos que provocassem situações relacionadas com a realidade conflitiva dos alunos, em que pese aí



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

marcas ideológicas raciais, de gênero e de diversidade cultural, poderiam conduzi-los a um debate produtivo em que a pauta recaísse sempre sobre o tema da ética e da cidadania.

A inserção das práticas teatrais na hora da leitura se desenvolve, como ressalta os integrantes do projeto e os professores, como um meio eficiente para que o alunado compreenda o texto ou desperte o interesse em lê-lo. Isso porque, a exemplo do roteiro criado em torno do texto de Machado de Assis “O Alienista”, cria-se situações cênicas essenciais do texto, mas sem desfecho, de modo a suscitar a curiosidade do aluno. Na ocasião da intervenção, livros dos autores são distribuídos. Os integrantes da Odisseia literária atuam, sob a permissão do professor e propõem a essas atividades que são ou não acatadas. Ao lado das intervenções, - como as realizadas, no ano de 2015, sobre o eixo temático específico da identidade/diversidade relativo aos textos *O caso do Vestido* de Drummond, *Negrinha* de Monteiro Lobato e *O Nariz* de Luiz Fernando Veríssimo, elaboram-se espetáculos maiores tanto para o público alvo da escola beneficiada com as intervenções quanto para outras escolas convidadas.

Todas essas atividades exigem uma série de ações que envolvem vários segmentos da comunidade acadêmica, da rede de ensino pública, das instituições culturais e rádios locais e do apoio logístico da política gestora municipal e estadual. Com isso, o projeto ganha visibilidade, mas ainda necessita de uma ação conjunta para que seja consolidado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso trabalho, partindo da experiência extensionista do projeto “Odisseia Literária: por um texto dramatizado nas Escolas e nas praças públicas da cidade de Catolé do Rocha – PB”, problematizou o processo de ensino/aprendizagem dos textos literários na sala de aula da rede pública de ensino e apresentou um modelo alternativo de abordagem dos textos através dos jogos dramáticos. Ao abordarmos os sujeitos leitores com textos literários apresentados de forma participativa, lúdica e atrativa, despertamos nesses sujeitos a curiosidade e a alegria, provocando, assim, o interesse pela leitura. Na verdade, entendemos, que a leitura é sempre um prazer, um descobrimento, mas que em consequência de métodos mecanizados e



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

tecnicistas usados em sala de aula, o aluno termina perdendo o interesse pela leitura. A nossa proposta de ação objetiva, ao lado de alguns usos estáveis de abordagem, redimensionar o significado da prática da leitura, especificamente das aulas de literatura, recuperando para ela o prazer de ler justamente no ponto em que o alargamento humanístico do conhecimento se realiza. As práticas performáticas do texto se apresentam fecundas para este propósito

Avalia-se que essas ações conjuntas causam um impacto considerável na educação pública do município de Catolé do Rocha. O trabalho tem um impacto a curto, a médio e longo prazo. A curto, vê-se, claramente, o entusiasmo do aluno pelo que está sendo apresentado; a médio, possivelmente, fomentaremos uma cultura de leitura mais significativa na cidade; e a longo prazo objetivamos que os segmentos da escola pública, assimilando as novas abordagens, sejam capazes também de serem construtores de cidadania e de promoverem a inclusão social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Ricardo. Formação de Leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2004.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Unesp, 2002.

CANDIDO, Antonio. “Direitos humanos e literatura”. In: **Comissão justiça e paz de São Paulo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e terra, 1993.

LANGER, Judith A. **Pensamento e experiência literários: compreendendo o ensino de literatura**. Passo Fundo: Editor da Universidade de Passo Fundo, 2005

DE MASI, Domenico & Frei Betto. **Diálogos criativos**. Rio de Janeiro: sextante, 2008.

DE MORAIS, Ligia Chiappini. **O foco narrativo ou a polêmica em torno da ilusão**. São Paulo: Editora Ática, 1983.